



## O SURGIMENTO E A REPRESENTAÇÃO DO DIABO NA SOCIEDADE E NA MENTALIDADE CRISTÃ MEDIEVAL

Francisco Wellington Rodrigues Lima<sup>i</sup>

Doutor em Letras pela

Universidade Federal do Ceará (UFCE)

### RESUMO

A representação do Diabo durante toda a Idade Média fez surgir uma série de reflexões sobre o mundo em que vivemos, o homem, o circunstancial e o Criador. Nenhum ser jamais recebeu tantas denominações como a figura representante do Mal, o Diabo. Ele ficou conhecido como Satã, Lúcifer, Diabo, Satanás, Demônio, Maldito, Belial etc. Assumiu nomes populares como Pai da Mentira, Anjo Mal, Capiroto, Cão, Coisa Ruim, Espírito do Mal etc. Constituiu-se de inúmeras formas híbridas, dentre elas a de serpente, lobo, bode, corvo. Sobre sua origem, conforme apontam teólogos e historiadores como Cousté (1996), Russel (2003), Muchembled (2001), ainda há uma série de incertezas. Segundo relatos bíblicos, por exemplo, teria sido ele um Anjo de Luz que, ao se revoltar contra a figura divina, foi expulso do Reino Celestial. Era ele um Anjo Serafim, em outras versões, um Anjo Querubim, de linda forma áurea, mas, após sua queda, diante do pecado da soberba, assumiu formas representativas deformadas, pavorosas, que provocaram medo na mentalidade do povo cristão durante quase toda a Idade Média, sendo ele, o Diabo, possuidor e tentador das almas humanas mundanas e más após a morte: o Senhor das Terras Infernais. Tornou-se o grande adversário de Deus e inimigo implacável de Jesus Cristo e de seus discípulos, tendo por missão combater o Bem e fazer reinar o Mal sobre a terra e os homens. Ganhou, ao longo dos tempos, grande proporção nas narrativas de cunho religioso. Ele foi, por exemplo, mencionado cinquenta e três vezes no Novo Testamento e descrito uma vez no Antigo Testamento. Segundo pesquisadores, o Diabo tomou forma a partir do momento em que o pensamento criador e o discurso religioso entraram em jogo, conferindo-lhe vida e concedendo-lhe poder. Destarte, o nosso artigo visa compreender de que forma o Diabo, representante do Mal, surgiu durante a Idade Média, como ele foi representado e difundido durante o medievo pela Igreja Católica, de que forma ele se popularizou e tomou proporções representativas na mentalidade do povo cristão, nas histórias populares, nas artes, em especial, no teatro, criando assim um fértil imaginário sobre o Maligno. Dessa forma, nosso trabalho investigativo destaca alguns pontos importantes, como: a origem do Diabo segundo a concepção cristã, a projeção de Satã na mentalidade do povo cristão medieval, o representante do Mal e a Igreja Católica, a popularização do Diabo na Idade Média, a representação do Maldito nas artes, em destaque, no teatro português de Gil Vicente.

**Palavras-chave:** Diabo; Idade Média; Representatividade; Imaginário Cristão; teatro.

## THE DEVELOPMENT AND REPRESENTATION OF THE DEVIL IN SOCIETY AND MEDIEVAL CHRISTIAN MENTALITY

### ABSTRACT

The representation of the Devil throughout the Middle Ages has given rise to a series of reflections about the world we live in, the man, the circumstantial, and the Creator. No being has ever received so many denominations as the representative figure of Evil, the Devil. He became known as Satan, Lucifer, Devil, Satan, Demon, Cursed, Belial, etc. He assumed popular names such as Father of the Lie, Evil Angel, Capiroto, Dog, Bad Thing, Evil Spirit etc. It consisted of numerous hybrid forms, among them the one of serpent, wolf, goat, crow. On its origin, as pointed out by theologians and historians like Cousté (1996), Russel (2003), Muchembled (2001), there are still a number of uncertainties. For example, according to biblical accounts, he would have been an Angel of Light who, in revolt against the divine figure, was expelled from the Celestial Kingdom. He was a Seraphic Angel, in other versions, a Cherub Angel, beautifully golden, but after his fall, faced with the sin of pride, he took on deformed, dreadful, representative forms of fear in the mentality of the Christian people throughout most of the time. Middle Ages, being the Devil, possessor and tempter of worldly human souls and evil after death: Lord of the Infernal Lands. He became the great adversary of God and implacable enemy of Jesus Christ and his disciples, whose mission was to fight Good and to make Evil reign on earth and men. It has gained, over time, a large proportion in religious narratives. He was, for example, mentioned fifty-three times in the New Testament and described once in the Old Testament. According to researchers, the Devil took shape from the moment creative thinking and religious discourse came into play, giving it life and empowering it. Thus, our article aims to understand how the devil, representative of evil, emerged during the Middle Ages, how he was represented and spread during the medieval times by the Catholic Church, how he became popular and took representative proportions in the mentality of the people. Christian, in popular stories, in the arts, especially in the theater, thus creating a fertile imagination about the Evil. Thus, our investigative work highlights some important points, such as: the origin of the Devil according to the Christian conception, Satan's projection in the mentality of the medieval Christian people, the representative of Evil and the Catholic Church, the popularization of the Devil in the Middle Ages, the representation of the Maldito in the arts, highlighted in the Portuguese theater of Gil Vicente.

**Keywords:** Devil, Middle Ages, Representativeness, Christian Imaginary, Theater.

As primeiras manifestações do representante do Mal surgiram por volta do século VI a.C., na Pérsia. Foi através dos conhecimentos do profeta Zoroastro (Zaratustra) que se chegou à figura de Arimã, descrito por ele como sendo "o Príncipe das Trevas". (COUSTÉ, 1996, p. 126). Arimã, conforme nos relata a mitologia persa, vivia em seu permanente conflito com Mazda, o "Príncipe da Luz". Essas duas divindades expressaram ao longo dos séculos a polaridade existente no universo que regiam o mundo mitológico de Zaratustra. Entretanto, foi por meio do contato com povos inimigos, dentre eles os persas, que os hebreus tiveram uma influência determinante no Mazdeísmo, pois a tradição desse povo foi um elo fundamental para a representação do que viria a ser a figura de Satã no Judaísmo e no Cristianismo. É importante ainda salientarmos que, na antiga língua hebraica, Satanás quer dizer *acusador, caluniador; aquele que põe obstáculos*. (PAGELS, 1996, p. 14). Dessa forma, através de assimilações da crença entre espíritos benéficos e maléficos, o Diabo ganharia mais tarde um lugar de destaque no Velho Testamento, transformando-se num poderoso anjo de luz. Segundo a tradição mística, Ele agia como uma espécie de colaborador que servia a Jeová (Deus) para testar a lealdade ou castigar os seus escolhidos sob autorização divina, à exemplo de Jó.

A influência persa, seguindo a visão de Carlos Alberto Nogueira (2002), forneceu ao povo hebreu uma concepção dualista do Bem e do Mal no Judaísmo por meio da assimilação da crença em espíritos benéficos e maléficos manifestados nos conhecimentos proféticos de Zoroastro. Os Anjos, antes vistos como símbolos da manifestação divina, foram transformados em entidades autônomas (de livre-arbítrio) e enquadradas numa hierarquia que justificaria a lenda da revolta de Lúcifer, o "portador da luz", o serafim mais belo e mais próximo de Deus, expulso do céu e metamorfoseado no Demônio após se deixar dominar pela soberba.

A partir do Século II a.C., uma nova mudança de perspectiva teológica tornou-se mais evidente com o desenvolvimento de uma rica literatura sobre o Diabo de tom apocalíptico, tendo como base a tradição judaica erudita. No *Livro dos Jubileus* (135-105 a.C.), conforme aponta Nogueira (2002), são mencionados os espíritos malignos acorrentados no "lugar da condenação". No Testamento dos Doze Patriarcas (109-106 a.C.), pela primeira vez Satã aparece representado na figura de Belial. Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o Apocalipse do apóstolo João são pródigos em referências à luta de Satã contra Deus, retomando a lenda inicial de Lúcifer e seus aliados – nada menos que um terço dos anjos - na batalha celestial ocorrida nos primórdios da criação. Sobre o assunto, Carlos Roberto Nogueira afirma:

A demonologia que inicia o seu aparecimento nos textos apócrifos é retomada de forma ligeiramente modificada – mais sistematizada – no Novo Testamento. Ao contrário de Yahvé no Antigo Testamento, Deus agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios. Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o livro do Apocalipse trazem abundantes alusões a essa luta formidável. Daqui por diante, Satã é o grande adversário, tendo por missão combater a religião que acaba de nascer e que será no futuro o Cristianismo; Satã é o inimigo implacável de Jesus e seus discípulos, tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder os seus corpos e almas. (NOGUEIRA, 2002, p. 25-26).

No entanto, a ideia da representação do Mal emergiu efetivamente no período medieval, fruto de ideias Teutônicas e Cristãs. Sua presença na vida dos homens é anterior ao monoteísmo e ao consequente estabelecimento das religiões mosaicas. Os bizantinos, por exemplo, acreditavam, segundo Russel, que o Diabo era uma criatura de Deus.

Deus, não o Diabo, fez o mundo material e o corpo humano; que o Diabo e os outros anjos foram criados bons mas caíram por causa do orgulho; que o Diabo e seus demônios nos tentam para levar para longe de Deus, e se rejubilam com nosso sofrimento e nossa corrupção. (...) A natureza do Diabo é real e boa, já que ele foi criado por Deus. Mas o Diabo livremente volta a sua vontade ao irreal. Para o degrau que vai, move-se para longe de Deus – que é bondade, existência e realidade – em direção àquele que é privação, inexistência, maldade. De todas as criaturas, o Diabo se moveu para mais longe de Deus e mais próximo do vazio. Como a baixa pressão no centro de um tornado, o vazio do Diabo exerce destruição real e terrível. (RUSSEL, 2003, P. 26-32).

A história teológica do Diabo fala de um ser que é “servidor” e “protetor” de Deus, pois o Criador permite que ele tente a humanidade para que nos ajude a entender e distinguir a virtude do pecado. Ainda segundo Russel, era considerado o “macaco de Deus”, uma vez que Satã o imitava em quase tudo, principalmente no que diz respeito aos milagres e prodígios, com a finalidade de confundir os fiéis cristãos.

O Diabo, de acordo com historiadores como Cousté, Russel e Muchembled, era o mais perfeito de todos os anjos. Alguns o colocaram no pináculo da hierarquia dos anjos, assumindo a ideia de que Lúcifer tinha sido um Serafim. A *Bíblia* nos fala da queda de um anjo. Um ser iluminado e de rara beleza que se rebelou contra Deus. Ele só devia obediência e respeito a Deus. E por sua superioridade angelical, Lúcifer (“portador de luz”) foi expulso do Céu porque não aceitava, como se encontra no Evangelho de Bartolomeu, curvar-se diante da verdade e da criação divina, levando consigo um grande número de anjos que passaram a habitar o mais profundo abismo infernal. “Eu sou o fogo”, vangloriava-se o Arcanjo. “Fui o primeiro anjo formado e sou agora obrigado a adorar o barro e a matéria?” (RUSSEL, 2003, p. 33). E assim, por negar a mais perfeita criação de Deus, o Diabo originou a rebelião dos anjos e a sua subsequente queda. Ele tornou-se o grande opositor de Deus. Por sua arrogância e soberba foi condenado ao mais atroz dos castigos: o da incapacidade de

amar. Sobre essa colocação Cousté afirma o seguinte:

Deus, antes de criar o mundo, produziu um espírito semelhante a Ele, cumulado com as virtudes do Pai. Depois fez outro, no qual a marca da origem divina se apagou porque foi manchado com o veneno da inveja, e assim passou do bem para o mal... sentiu ciúmes do irmão mais velho que, unido ao pai, assegurou o afeto deste. Este ser que de bom se fez mal é chamado de Diabo pelos gregos. (COUSTÉ, 1996, p. 23).

Na obra intitulada *Anjos Caídos e as origens do Mal*, Elizabeth Clare Prophet ressalta o seguinte: “A Bíblia confirma, em outras passagens, que os anjos caídos foram lançados e entregues às cadeias da escuridão (II Pedro 2:4) – eles não desceram livremente, foram removidos do Céu à força”. (PROPHET, 2006, p. 29). Com base em tal afirmação, vejamos a passagem bíblica de Pedro que versa sobre a queda de Lúcifer:

Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo. (II Pedro 2:4)

E ainda no Apocalipse 12 lê-se:

E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do

nosso Deus os acusava de dia e de noite. (APOCALIPSE 12:7-10).

O Diabo, segundo o *Evangelho do Senhor*, era “homicida” desde o princípio. Não se manteve na verdade e foi infiel à verdade divina, sendo expulso da bem-aventurada sociedade dos anjos celestiais por seu ato de soberba: “O diabo foi estranho à verdade”. (PROPHET, 2006, p. 32).

Outra concepção da queda de Lúcifer que perdurou na Idade Média, segundo ainda Elizabeth Clare Propohet, deu-se na seguinte versão: condenado por Deus, o Diabo voltou-se à perseguição humana. O anjo caído logo incorporou-se no Jardim do Éden, disfarçando-se, segundo o Evangelho, de serpente, tendo como principal função levar a cabo sua ação maligna: tentar Adão e Eva, os primeiros seres que habitaram o Paraíso de Deus, que mais tarde, resultou no Pecado Original. (PROPHET, 2006, p. 32).

No teatro vicentino, sobretudo nos textos dramaturgicos que focam a figura do Diabo, deparamo-nos com trechos alusivos à soberba de Satã, à sua conseqüente queda, à tentação de Adão e Eva e, posteriormente, a humanidade. Vejamos as seguintes passagens da obra *Auto da História de Deus*<sup>ii</sup> que demonstram tais colocações:

ANJO

Ainda que totalas cousas passadas  
sejam notórias a Vossas Altezas,  
a história de Deus tem tais profundezas,  
que nunca se perdem serem recontadas.

(...)



Portanto o exórdio do auto presente  
começa tratando desde a criação,  
c como Lúcifer tomou gran paixão  
de Deus criar mundo tão resplandecente.

E assi a inveja  
e a sua malícia de inveja sobeja  
por ver nossos padres assi nobrecidos,  
feitos gloriosos, tão esclarecidos,  
que não pelos olhos lhe armaram peleja,  
mas pelos ouvidos.

Entrará primeiro o muito soberbo  
Lúcifer, anjo que foi dos maiores,  
e Belial e Satanás, senhores  
de muita maldade de verbo a verbo.  
(VICENTE, *Auto da História de Deus*, C.E.T.)

No trecho da obra supracitada vemos o anjo relatar a inveja que Lúcifer sentiu da criação divina e de sua reação perante Deus. Gil Vicente o descreve como um anjo de grandeza, “anjo que foi dos maiores”. E no final da citação, o autor português ressalta os seres malévolos como “senhores de muita maldade de verbo a verbo”, pois, segundo os textos bíblicos, o termo “verbo” refere-se à criação. Ainda na passagem textual seguinte, Gil Vicente reforça a inveja de Lúcifer e Belial à respeito da criação divina. Leiamos:

LÚCIFER

Venho herege do mundo que fez  
o Deus lá de cima tão longo e tão passo,  
feito do nada por tanto compasso,  
tal que pasmado fico eu desta vez.

BELIAL

Mais é de espantar  
do homem e mulher que fez Deus no pomar.  
(VICENTE, *Auto da História de Deus*, C.E.T.)

E sobre a tentação de Adão e Eva, Gil Vicente elaborou o seguinte diálogo entre Satanás e Lúcifer:

SATANÁS

Senhor Lúcifer, prazer i não há

que dê pelos pés ao vencimento,  
alegrai-vos muito e o nosso convento,  
que vosso desejo comprido está.

Já são derrubados

Adão e Eva os primeiros casados (...)

LÚCIFER

Faço-te Duque e meu Capitão  
dos regnos do mundo até sua fim.

Pois os pais vencestes, os filhos assi  
trabalha e procura que venham à mão (...)  
(VICENTE, *Auto da História de Deus*, C.E.T.)

Nessa passagem da obra vicentina, podemos observar a alegria maléfica de Lúcifer ao saber que Adão e Eva foram contra a palavra de Deus, cometendo o pecado original, sendo está a vitória do Diabo sobre a figura de Deus: a queda do homem. No tocante à incerteza da origem de Lúcifer, leiamos a seguinte citação do *Auto da Barca da Glória*, que ressalta o assunto. Eis o diálogo entre o conde e o Diabo:

CONDE

Há mucho que eres barquero?

DIABO

Dos mil años ha y mas,  
y no paso por dinero.

(VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, C.E.T.)

Esse trecho da obra vicentina nos coloca diante da incerteza da origem do Diabo e de sua atuação no reino celeste e no meio da humanidade. O autor ainda no mesmo texto faz referência a uma citação bíblica acerca do Diabo, descrevendo-o como o Anjo decaído, aquele que foi banido do paraíso por Deus que, pelo pecado do orgulho, ao cair, perdeu sua beleza e brilho angelical, como veremos nos seguintes versos:

IMPERADOR (AO DIABO)

O maldito querubin!

Ansi como descendiste  
de Angel á beleguin,  
querrias hacer á mi  
lo que á ti mesmo hiciete?

DIABO

Pues yo creo  
á segun yo ví e veo,  
que de lindo emperador  
hábeis de volver muy feo.

IMPERADOR

No hará Dios tu deseo.

(VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, C.E.T.)

Diante do exposto, fica claro que é impossível estabelecermos um ponto de partida único sobre a natureza do Diabo. Teólogos e historiadores ligam a presença do Demônio a tempos bem antigos, passando pelo processo de criação do cosmos, ligando-o à queda do homem, ao pecado original e à redenção pela morte de Jesus na cruz. Contudo, sua representação no mundo das artes tornou-se múltipla, graças ao fecundo imaginário cristão popular que se difundiu durante a Idade Média.

Em numerosas oportunidades, segundo Cousté, Russel, Muchembled, Nogueira, sobretudo durante o período de perseguição e imposição de conceitos criados pela Igreja aos cristãos medievais, foram atribuídas ao Diabo inúmeras informações a respeito do seu surgimento e de sua expulsão do reino Celestial. As tradições antigas e a tradição medieval europeia atribuíram a Ele uma quantidade incerta de nomes (Satã, Lúcifer, Asmodeu, Satanás, Azazel, Belial, Belzebu, Leviatã, Maligno, Iblis, Arimã, Beijudo, Coxo, Pai da Mentira) e características humanas e animais (bestiários) provenientes de heranças diversas

(dragão, leão rugidor, morcego, raposa, lobo, bode, cão, porco, salamandra, a serpente do Gêneses, abelha, mosca, corvo e outros) que o moldaram ao longo da história do homem. O Diabo era considerado capaz de se apresentar sob todas as formas humanas imagináveis, com preferência pelos estados físicos criados pelos eclesiásticos, compondo uma imagem que corresponderia à realidade da época. E, gradativamente, o Espírito do Mal passou a povoar a mentalidade do povo cristão da Europa Medieval. Em Gil Vicente, ainda no *Auto da História de Deus*, encontramos descrições definidoras de características/representações atribuídas à Lúcifer, Satanás e Belial - nomes que na mentalidade cristã confundem-se e são 76 direcionados ao mesmo ser, embora neste auto o dramaturgo faça uma distinção entre eles. Vejamos as falas de São João a Lúcifer, Satanás e Belial:

SÃO JOÃO

Obravas serpentes que em serras andais,  
ó dragos ferozes que estais nos desertos,  
ouvi os secretos que estão encobertos;  
e vós, dromendários, também não durmais;  
e tu, mui serena

fermosa ave Fênix, que tanto sem pena  
a ti mesmo matas por tua vontade (...)

(...) E tu, mui soberbo lobo poderoso,  
que trazes as unhas cruéis, e tingidas  
no sangue de ovelhas de pouco paridas,  
aprende de Cristo, cordeiro amoroso:

e vóis, pombra brava,

que voais isenta, soberba, alterada,  
em essas montanhas viveis branda vida (...)

(...) E tu raposa, que vives de engano,  
e matas quem ama, sem nenhum temor (...)

(VICENTE, *Auto da História de Deus*, C.E.T.)

Mediante o referido texto, percebe-se que a figura do Diabo está associada a seres animalescos assumindo assim características importantes: tanto Lúcifer quanto Satanás e Belial são chamados pelo nome de “serpentes”. Eis aqui uma alusão à figura tentadora de Adão e Eva. Ainda no mesmo diálogo, Lúcifer recebe a denominação de Fênix, que na mitologia grega corresponde a ave que renasce das próprias cinzas. À Belial, São João o chama de “soberbo lobo poderoso” e “pomba brava”, caracteres/nomes que o designa como ser cruel “que trazes as unhas cruéis, e tingidas no sangue das ovelhas pouco paridas”. À Satanás, cabe-lhe ser chamado de “raposa vil, que vives só de engano”; ser cauteloso e enganador.

Destarte, a representação do Diabo na *mentalidade* cristã só veio a consolidar-se no século VII d.C. com a ajuda da arte cristã. Isso ocorreu quando a figura monstruosa de Satã configurou-se nos vitrais, colunas e tetos dos templos sagrados. Quando povoou a imaginação dos clérigos e do povo cristão, abrindo caminho para as práticas mais obscuras da Idade Média cujo ápice é a instituição dos tribunais da Inquisição, que promoveram durante boa parte da Idade Média perseguições às bruxas e aos rituais de adoração ao Demônio – o Sabatismo. Sobre a representação do Diabo Medieval Carlos Alberto F. Nogueira afirma o seguinte:

O horror diabólico domina as consciências cristãs. Nas igrejas, pregam-se as penas infernais. A fantasia dos eclesiásticos deve

chocar, provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicote, dragões, égua e piche fervescentes, fogo e gelo, infinitas torturas. Eis o inferno: livre campo à fantasia, livre curso a todas as crenças tradicionais. O Diabo causa terror e, através de sua figura e de sua ação no mundo, impõe-se um rígido código moral. As narrações se intensificam, crescem e ganham corpo, na forma das visões apocalípticas. O grande dragão da tradição cristã, a suprema força da anarquia, destruição e morte é o Diabo. (NOGUEIRA, 2002, p. 77).

Para Muchembled, a invenção do Diabo e do Inferno marcaram o início de uma concepção unificadora do Mal compartilhada pelo papado e pelos grandes reinos, visando assim, monopolizar os benefícios que esse fenômeno religioso poderia proporcionar, pois o sistema de pensamento que elaborou uma imagem triunfante de Satã na Idade Média assinalou um **77** enorme impulso de vitalidade no Ocidente. Ainda sobre o triunfo do Diabo no período Medieval o autor afirma:

O Diabo empurra a Europa para frente porque ele é a face oculta de uma dinâmica prodigiosa, que fundiria em um conjunto único os sonhos imperiais herdados da Roma Antiga e o poderoso cristianismo definido pelo Concílio de Latrão, em 1215. O movimento vem do alto da sociedade, das elites religiosas e sociais, que tentam esses múltiplos fios em feixes. Não é de forma alguma o demônio quem conduz a dança, são os homens, criadores de sua imagem, que inventam um Ocidente diferente do passado, esboçando traços de união culturais que viriam a ser consideravelmente reforçados nos séculos seguintes. (MUCHEMBLED, 2001, p. 18).

Em relação à imagem do Inferno no período medieval, é imprescindível verificarmos a seguinte passagem da obra *Auto da História de*



*Deus*, de Gil Vicente, que a descreve minuciosamente como sendo um lugar de trevas, com rios ardentes, atormentador e ao mesmo tempo frio e sombrio:

LÚCIFER (PARA SATANÁS)  
Todos aqueles que a morte cá lança  
alcançam per força segura pousada.  
Pois há-me de encher  
de almas humanas, convém a saber:  
a furna das trevas, ponte das navalhas,  
o lago dos prantos, a horta dos dragos,  
os tanques da ira, os lagos da neve,  
os rios ardentes, sala dos tormentos,  
varanda das dores, cozinha de gritos,  
o açougue das pragas, a torre dos pingos,  
o vale das forcas: - tudo isto arreio.  
(VICENTE, *Auto da História de Deus*, C.E.T.,  
Vv.)

Ainda sobre a imagem do Inferno, citemos a obra de Dante Alighieri, poema composto de um canto introdutório e de três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso. Em Dante, encontramos uma imagem interessante do Inferno: não há fogo, nem demônios, nem gritos de condenados. O fundo do Inferno é gélido, um imenso bloco de gelo. A imagem de Lúcifer, o Anjo decaído, é reduzida a um monstro com três bocas, cada uma das quais mastiga um dos três maiores traidores de Cristo e de César (Judas, Brutus e Cassius). Leiamos alguns fragmentos da obra de Dante, *Divina Comédia*, que demonstram a visão do Inferno e da figura do Mal conforme o imaginário cristão medieval:

CANTO III  
(...)  
De anjos mesquinhos coro é-lhes unido,  
que rebeldes a Deus não se mostraram,  
nem fiéis, por si sós havendo sido.  
Desdouros aos Céus, os Céus os desterraram;

nem o profundo Inferno os recebera,  
de os ter consigo os maus se gloriaram.  
(...)

CANTO V

Desci destarte ao círculo segundo  
(...)

Lá estava Minos e feroz rangia:  
examinava as culpas desde a entrada,  
dava a sentença como ilhais cingia:  
ante ele quando uma alma desditada  
vem, seus crimes confessa-lhe em chegando,  
com perícia em pecados consumada.  
lugar no Inferno, Minos, lhe adaptado,  
do abismo o círculo arbitra, a que pertença,  
pelas voltas da cauda graduando.

CANTO VI

(...)

Sou no terceiro círculo, onde escuras,  
eternas chuvas, gélidas caíam,  
pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.  
Saraiva grossa, neve, água desciam  
desse ar pelas alturas tenebrosas:  
no chão caindo infecto ador faziam.  
Latia com três fauces temerosas  
Cérbero, o cão múltiplice e furente,  
contra as turbas submersas, criminosas.  
Sanguíneos olhos tem, o ventre ingente,  
barba esquálida, as mãos de unhas armadas;  
rasga, esfolta, atassalha a triste gente.  
Uivam à chuva, quais lebréus, coitadas!  
Mudam de lado sem cessar, buscando  
defensa e alívio as almas condenadas.  
Cérbero, o grande réptil nos visando  
os dentes mostra, as bocas escancara,  
de sanha os membros todos convulsando.

A obra de Dante, como se pode observar, é bastante rica em detalhes acerca do Inferno, do Diabo e das almas que para lá são destinadas. Foi basicamente essa versão literária de Dante sobre as terras infernais e o Diabo que se projetou e se propagou pela mente do povo cristão medieval a partir do século XIII, permanecendo fluente até a Baixa Idade Média.

O fato é que Satã povoou a mente da sociedade cristã medieval. Ganhou assim como seu nome, formas e ações variáveis: anão e ao mesmo tempo três vezes gigante; corcunda, talhe

diminuto, queixo pontudo, crânio em ponta, negro, olhos muito negros, barba de bode, nádegas frementes, orelhas peludas, falo desmesurado, grande nariz. Podia não raro ser vermelho. Vestir-se com esta cor era uma característica marcante do Diabo. Ressalta-se também a barba flamejante, que às vezes poderia ser verde. Poderia ter olhos faiscantes, dentes rangentes, odor de enxofre, rabo negro como o da pantera; chifrudo, deformado ou disforme, mau, agressivo; vestimentas sórdidas etc. Vejamos a narrativa contada pelo monge Raoul Glauber, citado por Muchembled, que descreve algumas características do Maligno conforme a mentalidade da época:

Na época em que eu vivia no mosteiro do beato mártir Léger, denominado Champeuax, uma noite, antes do ofício de matinas, ergue-se diante de mim, ao pé de meu leito, uma espécie de anão, de horrível aspecto. Era, pelo que pude perceber, de estatura medíocre, com um pescoço marcado de cicatrizes, uma fisionomia emaciada, olhos muito negros, a fronte rugosa e crispada, as narinas afiladas, a boca proeminente, os lábios polpudos, o queixo fugidio e em ponta, o corpo ereto, uma barba de bode, as orelhas peludas e afiladas, os cabelos em pé, dentes de cão, o crânio em ponta, o peito estufado, as costas corcundas, as nádegas frementes, vestimentas sórdidas, agitado pelo esforço, todo o corpo inclinado para frente. Agarrou a extremidade da cama em que eu repousava, deu ao leito sacudidelas terríveis, e enfim disse: “Você, você não vai ficar mais muito tempo neste lugar.” E eu, assombrado, levanto-me em sobressalto e o vejo, tal como acabo de descrevê-lo. (GLAUBER Apud MUCHEMBLE, 2001, p. 22).

O narrador apresenta nessa história um Diabo humanizado, disforme, agressivo, mau,

que possivelmente poderia ser encontrado na Idade Média. A noção cristã do Diabo vê-se influenciada por elementos culturais nascidos de tradições tornadas inconscientes em contraste com uma religião popular cristã mais consciente. A passagem bíblica do Livro de Zacarias (1: 16-21), descreve uma das principais representações do Diabo: o chifre e sua ação destruidora. Leiamos:

(...) levantei eu os meus olhos, e pus-me a olhar, e eis que vi quatro chifres. E eu disse ao anjo que falava em mim: que é isto? E ele me respondeu: estes são os chifres que às marradas fizeram ir pelos ares a Judá, e a Israel, e a Jerusalém. Depois me mostrou o Senhor quatro oficiais. E eu lhe disse: que vêm estes fazer? Ele me respondeu, dizendo: estes são os chifres que escornaram aos varões de Judá, um por um, e nenhum deles levantou a sua cabeça; mas estes vieram para lhes meter medo, para abaterem os chifres das gentes que se levantaram com toda a sua força ontra o país de Judá, a fim de o arruinar. Livro de Zacarias (1: 16-21)

79

Na mente dos esclarecidos e do povo cristão medieval, circulava a ideia de que a figura satânica e a de seus auxiliares estavam por toda parte – céu, terra, ar, água. Acreditavam fielmente em pactos entre homens e o Diabo, em troca de fortuna, conhecimento e poder – como é o tema da história de Johannes Faustus, de Heidelberg (1480-1540), retratado mais tarde em *Doutor Fausto*, o famoso drama de Goethe.

O sexo, armadilha predileta do Diabo, tornou-se um caminho para conduzir os homens à perdição. Esse fato curioso justificou uma das mais conhecidas representações iconográficas do Diabo Medieval: a que o representa com patas de

bode, olhos oblíquos e chifres, fazendo-nos lembrar a imagem de Pã, divindade greco-romana que se divertia em orgias.

Acreditava-se também em histórias tentadoras de mulheres que enquanto dormiam podiam ser possuídas sexualmente por demônios chamados de íncubos, bem como relatos referentes a homens que frequentemente eram possuídos por demônios súcubos, na aparência de belas mulheres. E ainda relatos de Eremitas do deserto que se diziam tentados por criaturas infernais.

O Diabo, ainda conforme a mentalidade cristã, era apontado como o causador de quase todas as enfermidades que o povo medieval enfrentava. Em casos de doenças incuráveis das quais não se tinham conhecimento, por exemplo, os médicos afirmavam estar diante de possessões demoníacas. Segundo os relatos da tradição cristã medieval, Satã podia entrar no corpo de qualquer vivente através dos orifícios. O Demônio costumava também ocultar-se sob mil disfarces, em especial, de gente simples e/ou santificados e/ou curandeiros, contribuindo assim para o desenvolvimento de relatos populares que fertilizaram a mente dos fiéis cristãos durante o medievo. Nesse sentido, Muchembled afirma: O corpo humano era considerado como um envoltório contendo humores cujo equilíbrio definia a saúde. O homem era, por natureza, quente e seco, a mulher fria e úmida, diferentes combinações

existindo para dar tipos variados. (MUCHEMBLED, 2001, p. 23)

No tocante à possessão do Diabo sob os corpos femininos, podemos citar a peça vicentina intitulada *Auto da Cananeia*. No texto o Diabo apossa-se da filha de Cananeia e esta pede socorro aos anjos, aos santos e a Jesus Cristo:

BELZEBU

Eu vou ora atormentar  
a filha da Cananéia,  
e quem a de mim livrar  
fará dum rato baleia  
e fará secar o mar (...)

CANANÉIA (DIRIGINDO-SE AO SENHOR  
JESUS CRISTO)

Que minha filha é tentada  
de espíritos que não tem cabo  
e minha casa assombrada,  
minha câmara pintada,  
de figuras do Diabo.

De mal tão acelerado  
quem se livrará sem ti? (...)  
(...) Tem os seus braços torcidos,  
os olhos encarniçados,  
seus membros amortecidos.

Dá gritos, faz alaridos,  
e o socorro está em ti.  
Senhor, filho de David,  
amerceia-te de mim!

(VICENTE, *Auto da Cananeia*, C.E.T.)

A mentalidade do povo cristão medieval, segundo a concepção de Muchembled, fez do Diabo um ser vívido e amedrontador, como bem se pode perceber no trecho ora citado de Gil Vicente. Entretanto, por volta da Idade Média Central e Baixa Idade Média, aconteceu o processo de suavização da figura diabólica. O Diabo passou a ser visto nas histórias orais populares como um ser risível. Dessa forma, Satã caiu no ridículo ou tornou-se impotente, podendo até mesmo ser domesticado. Conforme

Muchembled, o Maldito poderia ser enganado, derrotado por santos, aprisionado e também ironizado. Era frequentemente humilhado por anjos, santos, Maria, Jesus Cristo e Deus. Os relatos populares que circularam pela Idade Média muito contribuíram para essa concepção. Para termos uma noção de tais relatos, vejamos alguns exemplos que se seguem.

Nosso primeiro relato remonta aos “cantões suíços”, onde corria a fama de que São Bernardo conseguiu encarcerar o Diabo no claustro da abadia de Clairvaux. Nas manhãs de segunda-feira, de acordo com a lenda, os ferreiros costumavam dar três golpes sobre a bigorna vazia antes de iniciar suas tarefas, para reforçar as cadeias do prisioneiro e impedir que ele escapasse. (MUCHEMBLED, 2001, p. 143-174).

Essa pequena narrativa, liga-se às histórias de combates entre santos e demônios. É bem comum, segundo a tradição cristã, os santos passarem por um processo de enfrentamento diabólico. Na maioria das vezes, o Diabo é aprisionado ou então foge com medo das forças divinas. É importante também ressaltarmos o lado místico da narrativa, em que os ferreiros, numa espécie de ritual, batem três vezes sobre a bigorna para manter preso o Diabo.

Citemos também a narrativa do asceta Caradoc, um varão piedoso que parece ter existido durante o ciclo carolíngio. A lenda conta que tendo o eremita se retirado para uma pequena ilha deserta a fim de melhor praticar

suas disciplinas, também passou por uma espécie de enfrentamento com o Diabo. O Mistificador apresentou-se diante dele na figura de um jovem respeitoso e tacanho que lhe oferecia seus serviços: “vá embora”, replicou Caradoc, reconhecendo-o. “Não preciso de ti nem dos teus.” O Diabo, porém, não se deu por vencido e insistiu com humildes argumentos: “não venho por qualquer interesse. Apenas percebo que estás só, sem nenhum ajudante. Ofereço-me para ser esse ajudante, se me aceitares. Faço-o gratuitamente, pelo simples prazer de ver-te e de gozar da tua companhia.” Caradoc enfureceu-se e com violentos insultos obrigou-o a retirar-se. “O Diabo se foi decepcionado por não encontrar entre os mortais mais que injúrias como pagas 81 pelos seus oferecimentos.” (MUCHEMBLED, 2001, p. 143-174).

Nessa narrativa Satã tentou empenhar-se numa ação humana apresentando-se ao eremita como um ser bondoso, buscando no pobre sacerdote a companhia ideal para pervertê-lo ao caminho do Mal. No entanto, foi derrotado pela força da palavra humana.

Na tradição hassídico-centro-européia, conforme aponta Muchembled, encontramos a história de Josué-bem-Levi, rabino astuto e prudente que enganou a Deus e ao Diabo no momento decisivo. Cabalista e necromante, Josué tinha feito um pacto diabólico para ter acesso a esse vasto conhecimento. Na hora de sua morte, o credor apresentou-se pontualmente para reclamar a alma de seu devedor. O rabino

disse que não haveria inconveniente algum em cumprir o combinado, mas solicitou uma graça antes de descer aos infernos: contemplar, ainda que de passagem, as portas do Céu, de cuja beatitude se havia excluído para sempre. O Diabo concordou e assim que Josué se viu à entrada do Paraíso, atirou-se literalmente de cabeça jurando pelo Deus vivo que não o arrancariam de sua glória. Segundo a moral da fábula, o Criador tomou a cargo de consciência obrigar o rabino a cair em perjúrio e, por esse motivo, consentiu que permanecesse entre os justos.

Já a lenda de Santa Juliana, que também humilhou a figura do Tentador, é uma narrativa popular oral que muito circulou entre os cristãos da Baixa Idade Média. Trata-se de uma narrativa de combate ao Maldito. Cristã e casada com um chefe romano, Juliana negava-se a cumprir com os deveres maritais enquanto o esposo não abjurasse publicamente o seu paganismo - coisa que o homem não podia fazer, pois os tempos eram de perseguição para a nova seita. Farto dos métodos persuasivos para obter a realização de seu desejo, o marido resolveu mandar desnudar, açoitar e encarcerar a obstinada mulher. Ali foi visitada por um anjo que tentou convencê-la a mudar de opinião. Estranhando aquilo, Juliana permaneceu em oração à espera dos acontecimentos, até que uma voz interior revelou-lhe que o anjo era na realidade um impostor. A partir daquele momento achava-se ela com poder para obrigá-lo a dizer quem era.

Interrogado, o contrito visitante confessou ser mesmo um demônio e pediu permissão para retirar-se. Entretanto, a santa não apenas recusou-lhe isso como se vingou de todas as suas humilhações: golpeou-o ao seu bel-prazer até que vieram buscá-la para dar-lhe o suplício. Preso pelo pescoço, arrastaram-no e atiraram-no dentro de uma latrina, onde o Demônio encerrou sua desafortunada missão. (MUCHEMBLED, 2001, p. 143-174).

Além de ser enganado, humilhado e maltratado, o Diabo, conforme o imaginário popular medieval cristão, tornou-se frequentemente vítima de embustes. À exemplo disso citemos um relato popular de tradição alpina: o caso das pontes de Mosson e de San Claudio que, conforme a narrativa, foram construídas com a colaboração do ser Infernal. De acordo com a lenda, o construtor da Ponte de San Claudio achava-se com dificuldades financeiras para pagar os operários. Temendo não concluir a obra, solicitou a ajuda do Maligno em troca da alma daquele que primeiro atravessasse a ponte depois de pronta. Satã cumpriu a sua parte no acordo, tirando o construtor das dificuldades. Só que este não correspondeu ao auxílio recebido e fez com que um gato fosse o inaugurador da ponte, tributo com que o Diabo teve de resignar-se. (MUCHEMBLED, 2001, p. 143-174).

Muitas outras histórias engrandeceram o imaginário e o universo lendário acerca do Diabo durante boa parte do período medieval. Foram



muitos os santos e místicos que venceram o Tentador em combate singular. Um dos mais intensos foi o episódio do convertido trovador Jacopone de Todi, poeta italiano do século XIII que narrou o seu confronto triunfante com a figura demoníaca. O trovador conta que o Diabo lhe previu uma vida de santo, tentando-o com fama e boa reputação entre as línguas do mundo inteiro. E ainda relata que o Enganador mudava de aparência todas as vezes que sua estratégia o exigisse. Mas o valente Jacopone o combateu corajosamente e Satã foi derrotado e humilhado. (MUCHEMBLED, 2001, p. 143-174)

Na trama do imaginário, o Diabo assume uma corporação, qualifica-se como um ser emblemático, temido e ao mesmo tempo cômico. Torna-se, segundo Muchembled (2001), um “dispositivo oratório” que perpassa por personagens ou figuras históricas ou ainda lendárias. Semeia provas nos discursos, constrói verdades e ancora o imaginário no real - como bem aparece nos relatos que constituem o acervo popular medieval europeu.

Contudo, a figura do Diabo adquiriu, por volta do século XIII, uma importância crescente inclusive no mundo das artes. Lúcifer cresceu no mesmo momento em que a Europa procurava uma estabilidade religiosa e política, preparando-se para a conquista do mundo, no século XV. O Inferno e o Diabo, a partir de então, deixaram de ser algo metafórico, pois a arte medieval produziu, na visão de Muchembled, “um discurso preciso, muito figurativo, sobre o reino

demoníaco, colocando detalhadamente, a título de exemplo, a noção de pecado, a fim de induzir o cristão à confissão (...)” (MUCHEMBLED, 2001, p. 35).

Porém, a acentuação de traços negativos e maléficos de Satã foi assinalada a partir do século XIV quando as histórias contadas e suas representações artísticas não mais se limitaram ao mundo monástico, entretecendo cada vez mais o universo dos laicos em que se colocou o poder e a soberania acima de tudo. O Diabo adquiriu proporções no mundo das artes, viu-se adornado com insígnias de um poder soberano representando quase sempre uma ânsia de subversão que se expressava no registro de seu poder. Lúcifer tornava-se a sombra 83 aterrorizadora da mentalidade cristã medieval:

No entanto, as imagens diabólicas e as que serviam como ilustração da soberania real eram produzidas pelos mesmos artistas. Não é surpreendente constatar que eles adornavam Satã com as marcas emblemáticas do poder terrestre mais importante a seus olhos, acrescentando-lhe um simbolismo negativo, para desvalorizar o poder do demônio, como era de esperar. A majestade do senhor dos infernos afirma-se sobretudo no século XV. Em 1456, a homenagem de Teófilo ao diabo o apresenta sobre um trono colocado em cima de um estrado, coroado, cetro na mão, principescamente vestido de branco, cercado de conselheiros sentados e ricamente vestidos. As fisionomias demoníacas dos últimos e as patas animais de Satã indicam, porém, que as aparências são enganosas. (MUCHEMBLED, 2001, p. 38).

A imagem do Diabo transformou-se no final da Idade Média, pois, a partir do século XV, a demonologia buscava lentamente

desenvolver-se como a ciência do Demônio, recobrando as crenças da tradição cristã medieval, tornando-se cada vez mais uma obsessão na cultura europeia.

Nesse mesmo período, Satã liga-se ao Sabbat. A feitiçaria satânica virou ao longo da Idade Média, uma explosão herética. As numerosas heresias do século XV e o florescimento do mito do Sabbat forneceram subsídios para o fortalecimento do Diabo. Chamado nos documentos de “Sinagoga”, o Sabbat adquiriu igualmente o sentido de reunião noturna das feiticeiras. Sobre o sabatismo Muchembled afirma:

Esta transferência foi realizada em um contexto cultural e espiritual bastante preciso, essencialmente nas terras do duque de Savóia- Piemont, Amédée VIII, que compreendiam a Savóia, o Dauphiné, quase toda a Suíça de língua francesa atual, o nordeste da Itália e atingiam os territórios alsacianos ou Suíços centrados em Basileia. Epidemias de caça às feiticeiras, com centenas de acusadas, tiveram lugar em 1428 em inúmeras dessas regiões. (MUCHEMBLED, 2001, p.54).

Em relação ao tratado anônimo *Errores Gazariorum*, escrito por volta de 1430, que levou muitos à condenação, Muchembled ressalta:

Ele caracterizava os acusados como membros de uma seita que se reunia em sinagogas para render homenagem ao diabo, que aparecia sob a forma de um gato preto cujo traseiro eles beijavam. Comiam cadáveres de crianças exumadas ou mortas por eles. Copulavam indiscriminadamente durante suas reuniões, por ordem do demônio. (MUCHEMBLED, 2001, p. 54)

Ainda por volta do século XV, os intelectuais produziram uma visão cada vez mais satânica da feitiçaria. Juízes e inquisidores investigavam e condenavam todos aqueles que se envolviam em atos heréticos. Até mesmo uma marca sem explicação no corpo de uma pessoa poderia ser motivo suficiente para condená-la como bruxa ou bruxo.

No auto intitulado *Comédia de Rubena*, Gil Vicente faz referência à ação das feiticeiras e sua ligação com os seres diabólicos. No texto, quatro diabos aparecem para ajudar Rubena no momento em que a mesma se encontrava prestes a dar à luz a uma criança, como veremos a seguir nos versos que ressaltam as feitiçarias e as feiticeiras:

84

PARTEIRA (FEITICEIRA)

(...) Olhede Ca, filha amiga,  
feiticeira haveis mister;  
porque, quereis que vos diga,  
ver-vos-hedes em fadiga,  
se vosso pae ca vier.  
Eu vô-la quero ir buscar,  
e mandar-vos-há levar  
onde parireis segura.  
E, enquanto a vou chamar  
muito asinha, sem tardar,  
vós sustende a criatura.

RUBENA

Venga ya todo el inferno  
por esta triste Rubena;  
que yo bien sé y discierno  
que el infernal fuego eterno  
no se iguala á esta pena.  
Y pues mi suerte lo quiso,  
no espero paraíso,  
ni cá sino tristura.  
Venga el inferno imprevisto,  
que lleve á quien sin aviso  
escogió mala ventura.

(Per esconjurações e feitiços fez vir quatro diabos a seu chamado...)

(...)

FEITICEIRA

Diabos, por meu amor,

filhos meus e meus senhores,  
ide-me á deosa maior,  
dizey que por seu louvor  
me mandes as fadas maiores.  
(VICENTE, *Comédia de Rubena*, C.E.T.)

Nesse trecho da obra, por intermédio da Parteira/Feiticeira, Rubena invoca os diabos para que eles a ajudem a parir num lugar seguro longe de seu pai, pois este a mataria se soubesse da gravidez. Já no *Auto da Fadas* Gil Vicente conta a história de uma feiticeira que temendo ser presa por usar de seu ofício vai ao encontro do Rei queixar-se, mostrando-lhes as razões pelas quais sua prisão não seja efetuada. Leiamos:

FEITICEIRA  
Eu sou Genebra Pereira,  
que moro ali à pedreira,  
vezinha de João de Tara,  
solteira, já velha amara,  
sem marido e sem nobreza;  
fui criada em gentileza;  
dentro nas tripas do Paço,  
e por feitiços que eu faço,  
dizem que sou feiticeira.  
Porém Genebra Pereira  
nunca fez mal a ninguém;  
mas antes por querer bem  
ando nas encruzilhadas  
às horas que as bem fadadas  
dormem sono repousado  
e eu estou com um enforcado  
papeando-lhe à orelha:  
isto provará esta velha  
muito melhor do que o diz (...)  
Assi que as tais feitiçarias  
são, senhor, obras mui pias,  
e não há mais na verdade.  
Saiba Vossa Majestade  
quem é Genebra Pereira,  
que sempre quis ser solteira,  
por mais estado de graça.  
FEITICEIRA (INVOCANDO O DIABO)  
Achegade-vos de mim:  
que papades, meu ch'rubim?  
Escumas de demoninhado.  
Quem vo-las deu?

Dei-vo-las eu (...)  
(VICENTE, *Auto das Fadas*, C.E.T)

Como podemos observar, no trecho ora citado a feiticeira não só se defende das acusações como também mostra suas feitiçarias e, para isso, invoca o Diabo.

Dessa forma, fica evidente que havia uma discussão profunda na Idade Média sobre a ligação da mulher com o Diabo. O *Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum*, considerado o primeiro tratado de caça às feiticeiras, publicado em 1487, foi, segundo Carlos Amadeu B. Byington<sup>iii</sup>, uma das páginas mais terríveis do Cristianismo. “Ele foi a Bíblia do inquisidor”, transformando-se “no apogeu ideológico e pragmático da inquisição contra a bruxaria, atingindo intensamente as mulheres”<sup>iv</sup>.

Byington, no prefácio do *Malleus Maleficarum*, afirma que o livro é dividido em três partes: a primeira enaltece o Demônio com poderes divinos e liga suas ações com a bruxaria. A segunda ensina o povo a reconhecer e neutralizar a bruxaria. A terceira parte descreve o julgamento e a sentença daqueles que praticam o Mal.

Ele é, segundo Byington, um manual de ódio, de tortura e de morte. Suas vítimas não deixaram testemunho. Sua propagação foi intensa, atravessou os séculos XVI e XVII, conduzindo muitas pessoas à morte por crimes de heresias contra a Igreja, em especial, as mulheres, alvo preferido do representante do Mal.

Portanto, sendo o Diabo um Anjo caído, senhor de múltiplas facetas, emblemático, inquietante, eloquente, tentador, culpado por todo o sofrimento humano, elemento portador do medo e do riso, uma concessão de Deus em seu plano divino, segundo a concepção teológica, ele conquistou uma posição importante na mentalidade e no imaginário cristão medieval. A cultura medieval fez do senhor da noite, segundo Muchembled (2001), o príncipe das trevas, um ser capaz de provocar medo e pavor, de condenar multidões, como se pode observar no *Malleus Maleficarum*, ao Inferno, à morte. Ao mesmo tempo, a tradição medieval o ridicularizou através do riso nas artes e nas cênicas, como uma forma de suavização do grotesco que o envolvia. Rir-se do Diabo. Entretanto, como filho de seu tempo, Satã continua a tentar a humanidade, não porque ele é o senhor das artimanhas ou das sombras, mas porque ele é o senhor dos seres humanos pecadores, pois o homem “é uma espécie de reflexo do mundo” e “do cosmos”. (MUCHEMBLED, 2006, Prefácio).

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. 1 volume. Trad.: J. P. Xavier Pinheiro. Prefácio de Raul de Polillo. Rio de Janeiro: São Paulo: Porto Alegre: W. M. Jackson inc. Editora, 1949.
- AMARAL, Ronaldo. “**O demônio entre a religião e a religiosidade cristã: o legado oriental para um monoteísmo de percepção dualista.**” In. **Mneme Revista de Humanidades da UFRN**, V. 12, N. 29. Dossiê Religião e Religiosidade, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/issue/view/98>
- BÍBLIA SAGRADA**. Traduzida em Português da Vulgata Latina por Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2009.
- BYINGTON, Carlos Amadeu B. “Prefácio”. In: ----- *Malleus Maleficarum*. Trad.; Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.
- COUSTÉ, Alberto. **Biografia do Diabo**. Record, São Paulo, 1996.
- FRANCO JÚNIOR. Hilário. **A Eva barbada**. São Paulo. Edusp: 2010.
- MAGALHÃES, ACM.; BRANDÃO, E. “**O Diabo na arte e no imaginário ocidental**”. In MAGALHÃES, ACM., et al., orgs. **O demoníaco na literatura** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 277-290. ISBN 978-85-7879-188-9. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889-21.pdf>
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: séculos XII-XX**. Bom Texto, Rio de Janeiro, 2001.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- PAGELS, Elaine. **As Origens de Satanás**. Trad.: Ruy Jungmann. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PAPINI, Giovanni. **O Diabo**. Paris: Flammarion Editora, 1954

PROPHET, Elizabeth Clare. **Anjos Caídos e as Origens do Mal**. Trad.: Habib Neto. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.

RUSSELL, Jeffrey B. **Lúcifer - O Diabo na Idade Média**. Madras Editora, São Paulo, 2003.

VICENTE, Gil. **Obras Completas**. Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinientos.com/>> [01 /06 /2017 a 01/07/2019].

---

são constantemente atualizadas pela equipe que constitui o C.E.T, supervisionado e coordenado pelo Professor Camões. Conforme o Professor José Augusto Cardoso Bernardes, da Universidade de Coimbra, os estudos desenvolvidos pelo Professor Camões no C.E.T. são referência para os pesquisadores do dramaturgo em questão. Todos os textos de Gil Vicente são cuidadosamente apresentados e seguem a sua estrutura original de versificação. Os pesquisadores do C.E.T. ainda registram comentários específicos sobre cada obra vicentina, bem como uma especificação correta das datas de cada texto criado pelo dramaturgo português. Neste artigo todas citações de obras vicentinas terão o seguinte registro: (VICENTE, nome da obra, C.E.T.).

iii Médico psiquiatra e analista, membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

iv BYINGTON, Carlos Amadeu B. "Prefácio". In: ---- *Malleus Maleficarum*. Trad.; Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Doutor em Letras/Literatura Comparada (PPGLETRAS UFC 2018), Mestre em Letras/Literatura Comparada (PPGLETRAS UFC 2010), Especialista em Estudos Clássicos pela UFC (2006), Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2002). É ator, Diretor, Dramaturgo e Produtor da Cia. Teatral Moreira Campos, formado pelo Curso de Extensão em Arte Dramática da UFC (2000-2002). É membro do Grupo GERLIC - Grupo de Estudos Residuais em Literatura e Cultura da UFC; membro do GERAM - Grupo de Estudos em Residualidade Antigo-Medieval do Curso de História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA); Pesquisador do Núcleo de Pesquisas Pós-Coloniais - NePC da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

<sup>ii</sup> Todas as citações das obras vicentinas terão como referência o Centro de Estudos Portugueses (C.E.T), da Universidade de Lisboa, Portugal, coordenado pelo Professor José Camões, no seguinte endereço eletrônico: Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI – Base de dados textual [on line]. <<http://www.cet-e-quinientos.com/>> [data/fecha/date]. Neste sítio reúnem-se as obras que fazem parte da história do teatro em Portugal no século XVI – Teatro de Autores Portugueses do século XVI (ISBN 978-989-95460-5-9), dirigida por José Camões, com Helena Reis Silva, Isabel Pinto, Lurdes Patrício, Inês Morais, Filipa Freitas e José Pedro Sousa; contando ainda com a colaboração de José Javier Rodriguez (textos em castelhano; apresentações), Lucília Chacoto (paremiologia), Manuel Calderón (textos em castelhanos; apresentações), Maria Luísa Oliveira Resende (comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos). Todas as obras de Gil Vicente publicadas no referido site

Recebido em: 29/06/2019.

Aprovado em: 15/08/2019.

Publicado em: 31/08/2019.